

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
MESTRADO EM ARTES VISUAIS – LINHA TEÓRICA

JUCIARA MARIA NOGUEIRA BARBOSA

MAREPE: ARTE CONTEMPORÂNEA
DO RECÔNCAVO PARA O MUNDO

SALVADOR - 2003

380 artistas dos cinco continentes integram a lista de participantes da 50ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, inaugurada oficialmente em 15 de junho de 2003. Apenas um artista plástico da Bahia - Marepe - consta na relação dos oito brasileiros que foram selecionados para esta que foi a maior de todas as edições da Bienal. Marepe é um nome que se destaca no panorama da arte nacional e internacional. Já expôs na 25ª Bienal de São Paulo (Brasil, 2002), no Museo del Barrio em New York (Estados Unidos, 2001), na Bienal de Pontevedra, em Pontevedra (Espanha, 2000), no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid (Espanha, 2000). Participou da 2ª Bienal do Mercosul no Rio Grande do Sul (Brasil, 1999) e da Latein-Amerika-Woche, em Badberlebuc (Alemanha, 1992). Essas são algumas, das muitas exposições também importantes e representativas que constam em seu vasto currículo.

Obras de sua autoria integram a coleção do Museu de Arte Moderna de São Paulo e coleção do Museu de Arte Moderna da Bahia. Desde 1998 é representado pela Galeria Luisa Strina¹, juntamente com outros grandes nomes da arte contemporânea nacional - entre eles Artur Barrio, Antonio Dias, Cildo Meireles, Emanuel Nassar.

Marepe tem uma trajetória de indiscutível sucesso, algo realmente admirável para um artista jovem que em 1988 trocou o curso de artes plásticas da Escola de Belas Artes da UFBA. pelo de agronomia, depois resolveu retornar para fazer licenciatura em desenho e artes plásticas para, em meados dos anos 90, abandonar de vez os estudos e seguir sua carreira, destacando-se no painel nacional e internacional da arte contemporânea como uma exceção:

será prudente alertar que a arte contemporânea não é prerrogativa de gente jovem. Salvo exceções, os jovens artistas possuem trajetórias de início irregular, incapazes de propor um conjunto homogêneo de problemas e enigmas constantes (FARIAS, 2002, p. 13)

Superando seu percurso inicial irregular, logo Marepe consegue se firmar profissionalmente, destacando-se como artista contemporâneo e alcançando o reconhecimento do seu trabalho através de uma considerável produção. Entre o segundo semestre de 1991 e o primeiro de 2003 - período delimitado para a realização desse estudo - Marepe utilizou-se da pintura, escultura, instalação, performance, objeto e objeto performático, experimentando técnicas e materiais diversificados. Esse artigo visa mapear a trajetória do artista, identificando suas principais referências e analisando algumas de suas obras, com o objetivo de evidenciar o que há de constante em sua produção. Torna-se imprescindível mencionar a

¹ A mais antiga galeria de arte contemporânea de São Paulo. Dirigida por Luisa Strina, promove exposições e mostras de artistas brasileiros no exterior e vice-versa.

colaboração de Marepe, que possibilitou a análise das obras embasada em seus depoimentos, contribuindo assim para o desenvolvimento de um trabalho inédito.

A arte de Marepe está visceralmente ligada ao mundo atual, portanto, seus referenciais estão na própria história contemporânea e suas interfaces. Sem a pretensão de uma análise profunda e minuciosa, mas, também, sem poder seguir ignorando o panorama que contribuiu para que obras como as do artista sejam hoje reconhecidas, torna-se necessário uma breve e compacta leitura do nosso próprio tempo.

A partir da década de 1950 o avanço da globalização mostrou-se vertiginoso e os veículos de comunicação foram imprescindíveis nesse processo. Na América e na Europa uma das mais significativas, representativas e polêmicas vertentes de artistas atuantes após a Segunda Guerra Mundial experimentaram a mistura de gêneros e apropriaram-se de produtos da indústria, da ciência e da tecnologia encontrados no cotidiano, partindo do legado de Marcel Duchamp².

A reprodutibilidade de imagens com mais e mais qualidade através do cinema e da TV, dos processos gráficos, do aprimoramento dos recursos fotográficos e dos sofisticados equipamentos de informática movimentou os ideais de uma sociedade cada vez mais capitalista, consumista, complexa e paradoxal. É nesse panorama global que a produção artística passa aos poucos a se diversificar, experimentando novas técnicas e ocupando espaços menos convencionais.

No Brasil as rupturas promovidas pelos integrantes dos movimentos concreto e neoconcreto, notadamente formados por artistas da região Sudeste, contribuíram para inserir novas maneiras de ver e produzir arte. Historicamente, a partir da publicação do *Manifesto Neoconcreto* em 21 de março de 1959 no *Jornal do Brasil*, o movimento neoconcreto³, constituído majoritariamente por cariocas integrantes do grupo *Frente*, deixará profundas marcas nas artes plásticas. Na experiência neoconcreta a pintura e escultura se mesclaram e alguns artistas dedicaram-se a criar objetos para serem manipulados, proporcionando uma interatividade, uma vivência e uma experiência onde a obra de arte só se completa com a intervenção e a integração do outro, que deixa de ser espectador e observador para vivenciá-

² Marcel Duchamp: artista Francês. Nasceu em 1887 e faleceu em 1968. Sua obra diversificada marcou a arte do século XX. Ao retirar objetos do cotidiano e colocá-los em exposição como objetos de arte, levou o espectador a uma reflexão sobre a imagem. Com os ready-mades (objetos industriais dos quais se apossou e expôs em locais destinados às obras de arte), Duchamp criou muita polêmica e levantou questionamentos. Sua produção influenciou de modo significativo a arte contemporânea.

³ Os sete artistas que participaram da *I Exposição Neoconcreta*, realizada em março de 1959 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, também assinaram o *Manifesto Neoconcreto*: Amilcar de Castro (escultor), Ferreira Gullar (poeta), Franz Weissmann (escultor), Lygia Clark (pintora), Lygia Pape (gravadora), Reynaldo Jardim (poeta) e Theon Spanúdis (poeta). (GULLAR, 1999, p. 244).

la. Os princípios do neoconcretismo influenciaram e influenciam a arte produzida no Brasil e seu principal legado talvez tenha sido o da incondicional liberdade de expressão. A liberdade de ousar, transgredir, questionar e até de reinventar praticada por Lygia Clark, Helio Oiticica⁴ e outros artistas brasileiros impactou a arte contemporânea nacional e, imbuídos dessa liberdade, os artistas passaram a produzir de maneira cada vez mais diversificada, porém atenta com as tendências globais. Muitos desses artistas atravessaram a segunda metade do século XX ousando, polemizando, dessacralizando os espaços das galerias, museus e exposições com uma arte que passou rapidamente por diversas metamorfoses.

Na década de 1990, a criação de espaços para exposições através da iniciativa pública e privada na Bahia abriu novas perspectivas para os artistas - especialmente os jovens - que buscavam visibilidade na cena contemporânea. A realização da *I Bienal do Recôncavo*⁵, em 1991 incentivou artistas dos mais diversos estilos a expor seus trabalhos, permitindo uma visão diversificada e rica da criação artística no Estado.

É precisamente nessa *I Bienal do Recôncavo* que começa a trajetória de sucesso de Marepe. Com as obras *Precoce jogo* e *36, a virgem*, ele conquista o primeiro lugar. Nesse período o artista morava na Rua Direita da Piedade, centro de Salvador, onde todos os dias se deparava com meninos de rua a pedir dinheiro, lavar os vidros dos carros nas sinalleiras, correr entre os pedestres e realizar pequenas infrações, caminhando para o mundo do crime. O artista revela que *Precoce Jogo* é uma escultura em concreto inspirada nesse mundo de rua.



1991

Precoce jogo

Escultura (38cm x 34cm)

(Foto reproduzida do catálogo *I Bienal do Recôncavo*)

⁴ Lygia Clark: artista brasileira. Nasceu em 1920 em Minas Gerais e faleceu em 1988, no Rio de Janeiro. Em 1960 criou os *Bichos*, que são estruturas móveis formadas por placas de metal e ligadas por dobradiças. Ao manipular essas peças o público interage com a obra. Helio Oiticica: artista brasileiro. Nasceu em 1937 e faleceu em 1980, no Rio de Janeiro. Passou a integrar o grupo formado pelos neoconcretistas a partir de 1959 e desenvolveu outras formas de expressar sua arte, utilizando-se de multimídias, instalações e de novas formas de criação.

⁵ Bienal do Recôncavo: promovida pelo Centro Cultural Dannemann e realizada no município de São Félix - BA

Um menino negro, como a maioria dos meninos que perambulam pelas ruas de Salvador, encontra-se absorto em um jogo que domina, não apenas sua mente, mas seu próprio corpo, envolvendo-o e absorvendo-o. O garoto está sentado sobre um escovão - que simboliza a limpeza, remetendo a própria pureza infantil - e este é forrado por cartelas de bingo, sugerindo que a base do seu mundo é o jogo.

A realidade da vida difícil, aventureira e imprevisível é revelada precocemente e toda a tensão de sua existência se reflete no semblante, onde um ar de desdém, escárnio e preocupação domina a expressão facial. Nos contos infantis uma fadinha costuma aparecer nos momentos cruciais para orientar seus afilhados ou simplesmente transformar, com sua varinha mágica, a realidade má em um mundo melhor. Para o garoto de rua esculpido por Marepe essa fadinha surge como um rato - cuja simbologia está associada à sujeira, ao submundo e a transgressão - Na obra, o quadriculado colorido, que remete às colchas de retalhos tão comuns no Nordeste, sinaliza que a presença metafórica do sentimento de destruição e repulsa inerente ao rato é o mesmo que já impregna o menino, embora não seja parte dele. Em sua mão esquerda, o garoto oculta, como um enigma, uma peça de xadrez.

A outra escultura que o artista apresentou na *I Bienal do Recôncavo* intitula-se *36, a virgem*.



1991
36, a virgem
 Escultura (60cm x 43cm)
 (Foto reproduzida do catálogo *I Bienal do Recôncavo*)

Marepe declara: "fiz essa obra inspirado em uma amiga, que aos trinta e seis anos permanecia virgem". Pintada com cores quentes, a escultura traz uma mulher loira, apenas de calcinha vermelha e sapatos azuis, sendo que tanto o babado branco da calcinha quanto o modelo dos sapatos - conhecido como sapato boneca - lembram a infância, pela delicadeza. O buraco da fechadura sobre a calcinha, na região do órgão sexual, indica, em concordância com

o título da obra, uma porta que nunca foi aberta. Segundo o artista "o gatinho sobre a perna da donzela segurando tranqüilamente a chave representa o príncipe encantado pelo qual a virgem espera e seu corpo coberto com quadriculados coloridos lembra a colcha de retalhos, o universo popular do interior da Bahia. Além disso, a maçaneta presa às costas sinaliza a casa e o ambiente doméstico, a influência da família." A moça grita, revelando seus dentes brancos (dentadura postiça que o artista incrustou na escultura, assim como fez em *Precoce jogo*) em contraste com sua face ruborizada. O desejo lhe consome e o tempo passa: seu corpo já não é mais como o de uma ninfeta, porém permanece intacto: não lhe deu prazer, não se entregou, não procriou. Está fechado e a maçaneta que se encontra fixada nas costas, está intocada.

Precoce jogo e 36, a virgem compõem o conjunto de doze esculturas criadas em 1991. Parte dessas esculturas, juntamente com algumas pinturas com tinta acrílica sobre eucatex vão compor a exposição individual *A um palmo do nariz*, que o artista realiza na Galeria do Aluno, na Universidade Federal da Bahia, no mesmo ano. Marepe reconhece a importância da Escola de Belas Artes para sua formação, citando, inclusive, que as esculturas em concreto com as quais começou a se projetar profissionalmente foram idealizadas a partir da técnica aprendida na faculdade. Em 1992 essas doze peças eram expostas na Alemanha, em uma individual e logo depois na Suíça, em exposição coletiva. Começava assim uma carreira internacional.

Conquistando o grande prêmio concedido pelo Dannemann na *I Bienal do Recôncavo*, Marepe pôde passar uma temporada na Alemanha, de onde retornou com outra visão do mundo e vendo seu próprio mundo com outros olhos. Ele busca, experimenta, procura encontrar na arte a maneira de expressar o que vê, o que sente através de novas formas, porém é uma busca que só está começando. Em 1993 participa da *II Bienal do Recôncavo* onde expõe *cabeças moles*: duas pinturas de 1 x 1 m cada, utilizando a técnica acrílico sobre tela. Ainda não foi o momento de expor novas idéias.

Em 1994 alguns trabalhos seus integram uma coletiva na Alemanha e Marepe realiza, no restaurante Cia. das Índias, em Salvador, a exposição individual *Tem pasta, seu Costa? Não nega besta, tem bosta! Você gosta? Mas que resposta, seu Costa!* Nessa exposição o artista apresenta mais de vinte trabalhos experimentais, utilizando-se de materiais como papelão, borracha, latas de cerveja, filtros de cigarros e diversos outros, que ele classifica como "não nobres". Em meio a essa busca de novas maneiras de expressar sua arte, Marepe também expõe a obra *Corredor da Vitória*, onde pode-se identificar o gato e o xadrez como dois dos elementos também encontrados em suas esculturas. Ele realizou essa obra durante os

três meses que morou na Residência Universitária Masculina da UFBA, no bairro da Vitória, em Salvador, em um ateliê improvisado que dividia com outros colegas.



1994

Corredor da Vitória

Técnica mista sobre papel canson (2,90cm x 1,48cm)

(Foto: Juciara Nogueira a partir da obra, que encontra-se no ateliê do artista)

Também em 1994 Marepe participa do *I Salão MAM - Bahia de Artes Plásticas*, aberto ao público em dois de dezembro de 1994 no Museu de Arte Moderna da Bahia (localizado em Salvador). O *I Salão MAM-Bahia* englobou a participação de artistas de vários Estados, propiciando um mosaico da produção artística nacional onde, através das diversas técnicas e estilos, evidencia-se que a arte contemporânea expressa as mudanças, contradições, estranhezas e até a velocidade, a voracidade e a transitoriedade do nosso tempo. Marepe participa desse evento apresentando uma instalação (sem título), apontando o início de uma nova maneira de expressar sua arte distanciada das categorias da pintura e escultura. O *I Salão MAM-Bahia* foi encerrado em 31 de janeiro de 1995, que torna-se um ano definitivo para a obra de Marepe.

O ano de 1995 é marcado por intenso trabalho. Marepe participa de diversas exposições⁶ e realiza a obra *Mostruário de dentaduras*, que marcou o início de uma nova fase

⁶ Exposições de 1995:

Bienal Internacional Afro-Americana de Cultura: exposição coletiva realizada na Galeria Canizares (Salvador - BA). Painel. Obra sem título. Técnica mista: pintura e colagem. Dim. 2 x 1,20 m (Informações do artista).

Janelas do Pelourinho: exposição coletiva realizada na Casa de Angola Salvador - BA). Objeto. Título: *Mostruário de dentaduras*. Materiais: isopor, veludo vinho, fotocópia de desenho de uma face, alfinetes, metal, dentes postiços. (Informações do artista).

Cascos de cavalo: exposição individual realizada na Galeria ACBEU - Associação Cultural Brasil Estados Unidos (Salvador - BA). Instalação. Materiais: balões de papel vegetal de cerca de 3 x 1,20 m onde foi escrito um texto que trata do surgimento da arte, retirado do livro *A importância de compreender*. Entre outros, consta também da instalação uma árvore de ferro com balões de papel vegetal e um cano de papelão com um balão de papel vegetal onde está escrito "ar pobre". (Informações do artista).

em sua carreira: Para o artista, "esse já é um trabalho mais conceitual, com referências à infância, quando as crianças perdem os dentes naturalmente e à velhice, quando muitos nordestinos buscam a opção do uso de dentes postiços para suprir a perda dos dentes naturais, apodrecidos ao longo da vida." A partir de então, de forma mais consciente e elaborada, Marepe produz suas obras sem vínculos com uma técnica específica, pois elas passam a ser determinadas pelas idéias, sendo, portanto, acima de tudo, conceito. A partir de *Mostruário de dentaduras* o artista passa a comunicar mais plenamente, de acordo com seus sentimentos e vontade, suas idéias para a arte que desejou fazer desde que voltou da Alemanha.



1995

Mostruário de dentaduras

(Foto: Juciara Nogueira - Reproduzida a partir de fotocópia da obra, que encontra-se no ateliê do artista)

III Bienal do Recôncavo: exposição coletiva realizada no Centro Cultural Dannemann (São Félix, BA). Instalação. Título: *Deixe aqui o seu piolho*. Materiais: lençol branco com desenhos feitos em carvão, a estrutura de uma máquina de costura usada, pentes feitos de chifre e outros. (Catálogo citado na bibliografia).

II Salão MAM - Bahia: exposição coletiva realizada pelo Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador - BA). Objeto. Título: *A trouxa 03*. Material: tecido branco envolvendo espuma. Dim. 50 X 40 X 60 cm. Obra: *A trouxa 04*, Material: tecido branco envolvendo espuma. Dim. 40 x 80 x 40 cm. *A trouxa 05*. Material: tecido branco envolvendo dois pratos. Dim. 25 x 30 cm. (Catálogo citado na bibliografia).

Luz na arte arte na luz: exposição coletiva realizada no Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Salvador-BA). Instalação. Título: *Estante de meios*. Materiais: Estante de madeira, projetor super-8, lâmpada, fotografias, diversas câmeras escuras, motor 110V tela de projeção e texto. (Catálogo citado na bibliografia).

Jovens artistas da Bahia: exposição coletiva realizada no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (São Paulo). Instalação. Título: *O casamento*. Materiais: fogão de quatro bocas, toca-fitas para carro com fone adaptado, fita K-7, maquete, garrafão de vidro contendo feijão preto, caixa de vidro com barra de sabão, ratinho de papelão, elástico, carvão, giz, batedor de carne, ovo de cabra (escultura de madeira feita por um artesão do município de Mairi, BA), fotografias da família, fone e outros objetos. Dim. 8 metros quadrados. (Informações do artista. Catálogo citado na bibliografia).

A proposta de uma arte mais interessada nas idéias está historicamente associada a vida e obra de Marcel Duchamp, que "deu a entender que a arte podia existir fora dos veículos convencionais e 'manuais' da pintura e da escultura, e para além das considerações de gosto" (SMITH,1991, p.182). A arte conceitual se propagou intensamente a partir de meados da década de 1960, a partir de quando "foi decomposta e desdobrada em arte como filosofia, como informação, como lingüística, como matemática, como autobiografia, como crítica social, como risco de vida, como piada e como forma de contar histórias" (Idem, ibidem, p.183). É partindo desse legado que Marepe passa a investir em uma arte que traduza suas idéias. Na exposição individual *Cascos de cavalo* ele identifica a inscrição *ar pobre* (que escreveu em uma das peças da instalação) como direcionamento de toda uma temática que passará a abordar, mas é ao conseguir materializar uma série de trouxas que finalmente encontra uma das principais vertentes do seu trabalho desde então: a transposição do universo popular para a arte através de objetos recriados.

No *II Salão MAM - Bahia* (realizado de 10 de novembro de 1995 a 18 de fevereiro de 1996) Marepe apresenta três trouxas: *A trouxa 03*, que representa uma trouxa de roupas sujas e *A trouxa 04*, que representa a trouxa de roupas limpas e passadas vêm do universo das lavadeiras. Essas trabalhadoras informais geralmente são mulheres humildes, que se dedicam a lavar e passar em troca de algum dinheiro. Pelo interior do Nordeste é comum lavar roupas nos rios e córregos e elas secam em fundos de quintal estendidas ao sol, em céu aberto, antes de retornar à casa de seus donos, pessoas de condição social mais elevada. Ainda resta *A trouxa 05*, que remete ao cotidiano dos bóias-frias, pois é em trouxas como essas que muitos trabalhadores da lavoura ou das construções levam seu almoço em marmitas. A trouxa ainda é muito utilizada no Nordeste: em um lençol, toalha ou outro pano, as pessoas de origem mais popular embalam o que desejam carregar, colocando a criatividade a suprir a necessidade de uma sacola, mala ou mochila para transportar algo.



1995
A trouxa 04
Objeto
(Foto <<http://www.galerialuisastrina.com.br>>)

Marepe se apropria da idéia da trouxa, mas não da trouxa em si. O que vai para a exposição são representações da trouxa e não as próprias trouxas, por isso essas obras, como outras que cria reproduzindo objetos do universo popular, não são ready-mades, como o fez Duchamp. Embora retire algo do cotidiano e o coloque em exposição, não lança mão do próprio objeto, mas o recria sendo que esse, como obra de arte, passa a transmitir através do que representa enquanto signo, toda a simbologia do mundo a que se reporta. Nesse sentido, cabe ressaltar que:

Os objetos da arte não são apenas obras especialmente fabricadas com um objetivo de luxo e divertimento. Todas as formas de atividade humana podem servir de suporte a uma vontade de significação. Não é a aparência externa nem a destinação do objeto que lhe conferem seu poder de expressão. É a maneira pela qual ele foi executado e pela qual é integrado dentro de um sistema.(FRANCASTEL, 1993, p. 98)

Também em 1995 Marepe expõe no *Museu de Arte Contemporânea de São Paulo* a outra obra que guarda os referenciais de futuras criações: *O casamento*. Nessa instalação se identifica a importância e a força que tem a estrutura familiar para a vida do artista. A fotografia em preto e branco do casamento de seus pais e uma outra, onde sua irmã - ainda criança - segura um microfone, estão presas a um fogão de quatro bocas (modelo muito utilizado na década de 1970). Uma maquete do local de encontro entre Dom Ratão e Dona Baratinha sinalizam o romance, o namoro. A idéia do casamento e da necessidade de alimentar a família é materializada através do vasilhame de vidro contendo feijão preto que está ligado ao fogão, como a supri-lo. O batedor de carne, o tecido com linha e agulha e o giz, entre outros, reporta aos trabalhos desenvolvidos pela mãe: preparar a alimentação, cuidar da casa e educar. Segundo informou o artista: "A fotografia de minha irmã foi tirada em uma apresentação escolar, quando ela participava da peça Dom Ratão e Dona Baratinha. A família é um vínculo muito forte, que perpetua os valores da sociedade." A instalação *O Casamento* proporciona uma interatividade com o público, pois de um toca-fitas adaptado ao fogão é possível ouvir, colocando-se o fone, a estória de Dom Ratão e Dona Baratinha.

No ano de 1996 Marepe opta por "assumir a estética de rua" - segundo afirma - e põe em prática a execução das bancas: cria a *Banca de fichas e cartões telefônicos* e *Banca de veneno e chaveiros eróticos*⁷.

⁷ Em 1996 Marepe participou das seguintes exposições: *Antarctica artes com a Folha*: exposição coletiva realizada no Pavilhão Manuel de Nobrega (São Paulo, Brasil). Apresentação de três trabalhos: Instalação. Título: *Banca de fichas e cartões telefônicos*. Materiais: banca de madeira, fichas telefônicas de metal, cartões telefônicos. (Informações do artista).
Instalação. Título: *Banca de veneno e chaveiros eróticos*. Materiais: banca de madeira, rato de papelão pintado, ratos e baratas dissecados, pacotes de veneno e chaveiros. (Informações do artista).

Para ele, ao reproduzir essas bancas também faz "referências ao sub-emprego, a exclusão social e a criatividade dos ambulantes, que lançam mão de coisas mínimas para atrair o cliente, vender o seu produto e garantir sua sobrevivência". Os ambulantes têm toda uma preocupação estética desenvolvida com o objetivo de chamar a atenção dos pedestres "O vendedor ambulante carrega sua banca junto ao corpo para onde quiser, organizando tudo de forma racional e aproveitando o máximo do espaço mínimo que dispõe", explica o artista. É a arte da sobrevivência através do comércio de rua que se espalha por diversas cidades brasileiras e, mesmo surgindo da necessidade extrema que empurra multidões para o sub-emprego, guarda a sua dignidade.



1996
Banca de veneno
 Instalação
 (Foto reproduzida do catálogo do artista)

Segundo o artista, sua idéia de realizar a *Banca de veneno e chaveiros eróticos* veio de uma banca idêntica, que viu próxima ao antigo cine Glaúber Rocha, na Praça Castro Alves, em Salvador. É preciso ressaltar ainda que em Santo Antônio de Jesus⁸ o comércio é a principal atividade econômica e um grande número de vendedores ambulantes ocupam as praças e ruas do centro da cidade.

Instalação. Título: *Estante de meios* (já devidamente especificada na nota 7)

Arte construtora - Ilha da Casa da Pólvora: exposição coletiva realizada na Ilha da Casa da Pólvora (Porto Alegre, RS). Apresentação de dois trabalhos:

Instalação. Título: *Cercadinho*. Materiais: objetos recolhidos na ilha: ossos, banco, escova de engraxar sapatos, boneca e outros.

Objeto performático. Título: *Cabeça acústica*. Material: duas bacias de alumínio, duas dobradiças, borracha e assadeira de frango. (duas peças). (Catálogo citado na bibliografia).

⁸ Santo Antônio de Jesus - BA. Cidade natal do artista que situa-se às margens da BR-101 e fica a 236 quilômetros de Salvador - População: 78.836 habitantes. Fonte: IBGE www.ibge.gov.br/perfil/index/htm

Outra obra que marcou o ano de 1996 foi *Cabeça acústica*. Esse trabalho traz fortes referências do movimento neoconcreto, pois é um objeto performático que necessita da participação do espectador para cumprir plenamente sua função de promover a interatividade do público com a arte, assim como os *Bichos*: não-objetos móveis criados em 1959 por Lygia Clark e feitos com chapas de metal articuladas com dobradiças. Ao referir-se a obra da artista, Ferreira Gullar destaca como aspecto importante o fato de que "O espectador - que já não é mais o espectador imóvel - é chamado a participar ativamente da obra, que não se esgota, que não se entrega totalmente, no mero ato contemplativo: a obra precisa dele para se revelar em toda sua extensão." (GULLAR, 1999, p. 256).



1996
Cabeça acústica
 Objeto performático
 (Foto: Marcondes Dourado - Reproduzida do catálogo do artista)

Em *Cabeça acústica*, ao se colocar a cabeça dentro da obra, todo o mundo ao redor fica de fora: agora o observador deixa sua condição passiva e torna-se uno com ela. Não pode vê-la, pois não tem distanciamento para isso, ao contrário: está irremediavelmente ligado, faz parte da própria obra de arte. "Não se deve imaginar os diferentes sistemas lingüísticos, musicais, plásticos como representativos cada qual de uma função independente do espírito. Todas as capacidades do espírito entram em ação na elaboração de todos os sistemas de expressão." (FRANCASTEL, 1993, p. 112)

Apesar de toda a problemática que envolve a arte e a linguagem verbal, através da *Cabeça acústica* o artista funda sua própria linguagem e esta consiste na experiência de adentrar a própria obra e viver uma experiência única, pessoal e intransferível. Uma vez integrado na obra, a tentativa de interagir com o mundo através da linguagem verbal é logo frustrada pelos sons que reverberam distorcidos, quase incompreensíveis: de 'dentro' da arte, a comunicação com o mundo exterior, através da linguagem verbal, é um desafio.

Em 1996 foram inscritos 1007 trabalhos para o *III Salão MAM-Bahia*, abrangendo uma lista de 19 categorias onde a pintura (528), seguida da escultura (88) e da instalação (78) tiveram o maior número de obras⁹ a pleitear um lugar na exposição. Apenas 69 trabalhos foram escolhidos para participar do evento e nessa lista encontra-se a instalação *O casamento*, inscrita por Marepe.

Com *O casamento* Marepe é um dos seis artistas premiados no *III Salão MAM-Bahia* e sua obra passa a fazer parte do acervo do Museu de Arte Moderna da Bahia. Assim, o artista começa o ano de 1997 com grandes perspectivas. A partir de então, dentro do próprio processo criativo se fortalecem as referências à família e a Santo Antônio de Jesus, cidade onde nasceu em 21 de junho de 1970.



1996
O casamento
 Instalação
 (Foto reproduzida do catálogo III Salão MAM-Bahia)

Se na obra *O casamento* identifica-se um ambiente estritamente familiar, onde o artista revela-se como Marcos Reis Peixoto¹⁰, o primeiro filho do comerciante Manoel Joaquim Galvão Peixoto e da professora de educação artística Joselita Reis Peixoto, em sua participação no *Workshop 97 Artistas alemães e brasileiros*¹¹ a obra apresentada está diretamente ligada à cidade natal: *Jaca nécessaire* uma obra efêmera, criada com madeira, sementes e casca de jaca¹². A jaca é bastante consumida em Santo Antônio de Jesus e cidades

⁹ III Salão MAM-Bahia: ocorre entre 13 de dezembro de 1996 e 23 de fevereiro de 1997. Informações citadas no catálogo (Ver bibliografia).

¹⁰ A origem do nome artístico Marepe está em seu nome completo: MARcos REis PEixoto.

¹¹ *Workshop 97 Artistas alemães e brasileiros. Brasilianische und deutsche künstler.* Exposição coletiva realizada no Brasil (Museu de Arte Moderna da Bahia) e na Alemanha.

¹² Jaqueira: árvore muito comum nas regiões do Recôncavo, Costa do Dendê, Vale do Jiquiriçá e outras regiões da Bahia. Originária da Ásia, foi trazida para o Brasil pelos portugueses. Tem porte ereto, copa densa e é produtora da jaca, que é formada pela composição de frutos simples agrupados em eixo central. Cada jaca pode chegar a até 40Kg e uma jaqueira adulta pode produzir entre 50 e 100 jacas por ano. A jaca é rica em carboidratos, proteína, cálcio, fósforo e ferro, entre outros.

vizinhas, podendo ser encontrada com muita facilidade nas feiras livres, nos quintais, chácaras e fazendas, alimentando com fartura a população mais humilde. Popularmente, diz-se que "a família que tiver uma jaqueira no quintal de sua casa nunca passará fome". Nas sementes o artista escreveu mensagens relativas à fome, à corrupção e a difícil vida das pessoas menos favorecidas.



1997
Jaca nécessaire
 Obra efêmera
 (Foto reproduzida do catálogo Workshop 97)

No segundo semestre desse mesmo ano Marepe ainda apresentou na Alemanha um trabalho de instalação e performance intitulado *Cada macaco no seu galho*.¹³ Em 1998 ele segue investindo em suas bancas. Agora, recria uma banca de bijuterias que mistura elementos do popular com referências de sofisticação: forrada com veludo vinho - como muitos mostruários das joalherias - na banca encontra-se diversos tipos de adereços: anéis, pulseiras, brincos, colares e outros, tudo dourado, imitando ouro. Marepe faz a reprodução das bancas a partir de fotografias que tira e procura criá-las bem próximas do real: sua banca de bijuterias poderia ser encontrada em pleno centro de Salvador e é esse universo popular que lhe interessa.

Também em 1998 mais uma criação sua é adquirida para compor acervo museológico: desta vez trata-se da obra *O telhado*¹⁴ que está no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

¹³ *Andrem modern*: exposição coletiva realizada na Casa da Cultura do Mundo (Berlim, Alemanha.). Instalação e performance. Título: *Cada macaco no seu galho*. Materiais: macacão forrado com papel beijo colorido, óculos para solda, sandálias havaianas, sabonete Phebo, enxada. (Informações do artista).

¹⁴ Em 1998 o artista participou das seguintes exposições:

Além do arco-íris: exposição coletiva realizada na Fundação Álvares Penteadó / FAAP (São Paulo, SP). Instalação. Título: *O telhado*. Materiais: telha, madeira, parafusos. Dim. 120 x 600 x 400 cm (catálogo citado na bibliografia).

XVI Salão de Artes Plásticas: exposição coletiva realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Centro de Artes Funarte (Rio de Janeiro, RJ). Instalação. Título: *Utensílios de trabalho dos ambulantes da cidade de Salvador*. Materiais: 12 fotografias e banca de bijuterias feita com: banca de madeira, veludo vinho, bijuterias douradas (de metal).

Como o próprio nome indica, o artista reproduz o telhado de uma casa comum, simples, pequena e sinaliza para a idéia de abrigo, segurança. Não importa a casa, suas estruturas, seu acabamento, sua localização: há um teto. Em um País onde o problema de habitação é gravíssimo e famílias inteiras vivem embaixo de viadutos, pessoas dormem embaixo de marquises, em bancos de praças, *O telhado* representa, por si só, o aconchego, a proteção e a tranquilidade de um lugar no mundo para onde retornar.

Em 1999 Marepe opta por morar em Santo Antônio de Jesus, onde passa a dedicar-se ainda mais a sua arte e sua trajetória aponta outras perspectivas: participa de exposições no Brasil e no exterior que marcam o ano, contribuindo para firmar o nome do artista.¹⁵

Em 2000 sua obra *O telhado* é exposta na XXVI Bienal de Arte de Pontevedra, na Espanha. Também participa, no segundo semestre, da exposição coletiva *A quietude da terra, vida cotidiana, arte contemporânea e Projeto Axé*, realizada no MAM-Bahia. Em dezembro de 2000 realiza com o grupo *O bolo* (formado por artistas e amigos de Santo Antônio de Jesus) a *I amostra de arte*, que reúne em sua cidade natal alguns nomes da arte baiana contemporânea.

Santo Antônio de Jesus é um município essencialmente voltado para o comércio. O Centro Cultural permanece fechado e as poucas iniciativas culturais partem de parcerias de alguns artistas com empresas locais, a exemplo de exposições que são realizadas no Shopping Center Itaguari e peças de teatro apresentadas esporadicamente nos clubes sociais. Em 27 de setembro de 2001 - dia de São Cosme e São Damião - Marepe realiza, em frente ao Centro Cultural, a instalação *Palmeira doce*, onde, segundo informou o artista "2000 sacos de

¹⁵ Exposições de 1999:

Espaço Bahia 2000 - Casa Cor Bahia 1999. Exposição coletiva realizada em Salvador (BA). O artista participou com duas obras:

Objeto performático. Título: *Cabeça acústica* (já devidamente especificada na nota 7).

Instalação. Título: *Penduricalhos*. Materiais: espelhos de bolso, pentes coloridos, borrachas, jogos de botão. (Informações do artista)

2ª Bienal do MERCOSUL: exposição coletiva realizada em Porto Alegre (RS). Instalação. Título: *A bica*. Materiais: zinco, cabos de aço, estrutura de ferro anexada ao telhado.

Objetos anos 90: exposição coletiva realizada no Instituto Itaú Cultural (São Paulo, SP). Instalação. Título: *Os filtros*. Materiais: 12 filtros de barro, bancos de madeira, copos de vidro, água. (Catálogo citado na bibliografia).

Os 90. Exposição coletiva realizada no Paço Imperial, no Rio de Janeiro (RJ). Instalação. Título: *Os embutidos*. Materiais: madeirite, dobradiças.

Nordestes: exposição coletiva realizada no SESC/Pompéia (São Paulo, SP). Instalação. Título: *Zoofitomorfos*. Materiais: estante de madeira, mesa com esferas, argila, tv e vídeo onde foi apresentado um vídeo produzido por Marcondes Dourado com alguns artistas (Danilo Barata, Gaio, Manuela Perez e Marepe) de Salvador. (Obra interativa: com a argila o público podia fazer esculturas de barro e expor na estante).

Guarene Arte 99 + Zone. Exposição coletiva realizada pela Fondazione Sandrettorebaudengo Perll'arte em Turin (Itália). Arte efêmera. Material: argila. (Apresentou a escultura de um gato, feita no local). (Informações do artista).

algodão doce foram amarrados ao longo de uma palmeira imperial, que é símbolo da cidade"¹⁶.

O algodão doce foi confeccionado nas cores verde, amarelo, azul e branco, em uma referência à bandeira brasileira. Toda a produção foi realizada no Alto Santo Antônio: bairro carente onde os moradores enfrentam muitas dificuldades com a falta de melhor infraestrutura e segurança. Crianças de uma escola local e muitas outras participaram da instalação, comendo todo o algodão doce exposto, em uma alusão aos festejos pelos santos gêmeos, que são muito populares na Bahia e anualmente são homenageados com ladainhas e distribuição de caruru¹⁷. Nessas comemorações a participação das crianças é grande. No mesmo dia Marepe também realizou a performance *Doce céu de Santo Antônio*, registrada em fotografia e vídeo por Marcondes Dourado¹⁸.



2001

Doce céu de Santo Antônio

Performance (Foto: Marcondes Dourado - Reproduzida parcialmente do catálogo do artista)

Na seqüência de fotos, Marepe aparece sem camisa, como um gigante a devorar pedaços de nuvens do céu da cidade: ele come algodão doce branco e utiliza-se de uma metáfora visual: em sua cidade, que é voltada para o consumo, para o comércio e valoriza muitíssimo os bens materiais, nutre-se da inspiração que vem das coisas simples, doces, etéreas, efêmeras e se fortalece através delas. De todas as obras realizadas no período abordado, essa é a que mais expressa a declaração feita pelo artista no *Seminário Arte Urbana*¹⁹ realizado no segundo semestre de 2003 em Salvador: "A arte tem que ser pública. O artista tem que ser público."

¹⁶ Marepe confirma que foram 2000 sacos de algodão doce, embora em alguns textos tenha sido veiculado 4000.

¹⁷ Caruru de São Cosme e São Damião: festejo onde se distribui pratos contendo: caruru, vatapá, frigideira, arroz branco, farofa de azeite e ensopado de frango, além de pipoca. Os ingredientes podem variar.

¹⁸ As fotos e vídeo de Marcondes Dourado foram apresentados em Stuttgart, Berlim e Bonn, na Alemanha, em exposição e publicação intitulada *Bahia de todos os santos*, que reúne trabalhos de Pierre Verger, Mário Cravo Neto, Eriel Araújo e Marepe. A exposição foi até 30 de março de 2003, na Ifa Galerie (Alemanha).

¹⁹ *Seminário: Arte Urbana*. Realizado nos dias 11, 12, 18 e 19 de agosto de 2003 em Salvador pelo Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA. e Associação Cultural Brasil Estados Unidos - ACBEU. Marepe abordou o tema *A estética do envolvimento*, apresentando-se dia 19/08.

Também em 2001 Marepe participa de exposições nacionais e internacionais²⁰ e investe em novas idéias. Realiza em São Paulo a performance *Lasque o nome aí*, onde diversos tecidos estampados com palavrões são rasgados pelo público. É comum na Bahia as expressões: "lascou um palavrão" ou "lascou aquele nome", para reforçar a idéia de que alguém pronunciou enfaticamente um nome considerado impróprio.



Feira de roupas em Santo Antônio de Jesus (Bahia)
(Foto: Flor - Setembro de 2003)



2001
Lasque o nome aí
Performance
(Foto reproduzida do catálogo do artista)

Em *Lasque o nome aí*, os tecidos estampados com palavrões estão expostos em uma barraca similar as que são encontradas na feira de roupas de Santo Antônio de Jesus, que é realizada todas as quartas-feiras. Nesses dias, roupas de todos os tipos, inclusive os lançamentos da moda disponíveis nos grandes shoppings são comercializadas por preços bem populares, atraindo pessoas de toda a região.

O artista declara que permaneceu morando em Santo Antônio de Jesus pois "o envolvimento com a família, os amigos de infância e a cidade onde cresceu me faz muito bem." Em sua terra natal tem fortes referenciais que norteiam sua criação: "Na compreensão de todas as linguagens, faladas ou figurativas, a imaginação e a memória dão a chave de todas as mensagens". (FRANCASTEL, 1993, p. 118) É de sua vivência e experiência que Marepe vai buscar sua obra de maior repercussão em 2002.

Em uma grande empresa de Santo Antônio de Jesus trabalharam por toda a vida o avô e o pai do artista. Essa empresa, que tem mais de meio século chama-se Comercial São Luis e centraliza uma loja de materiais para construção junto com diversos departamentos, onde

²⁰ Exposições de 2001:

Idéia coletiva. Realizada na Galeria Camargo Vilaça, São Paulo (SP)

O fio da trama. Exposição coletiva realizada no Museo del barrio em New York (Estados Unidos). Objeto. Título: *Trouxa 03, Trouxa 04 e Trouxa 05* (já devidamente especificadas na nota 7)

Panorama da arte brasileira. Exposição coletiva realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo (SP) Performance. Título: *Lasque o nome aí*. Materiais: cordas de nylon, lona plástica, tecidos (com palavrões impressos em silk-screen). Dim. 90 x 300 x 200 cm. (Catálogo citado na bibliografia)

comercializa móveis, utilidades para o lar, produtos de papelaria, cosmética, decoração, brinquedos, festas e outros. Por esse motivo, seu slogan resume: "Tudo no mesmo lugar pelo menor preço". Um dos poucos meios de divulgação que a São Luis utiliza é a pintura em muros, que é uma prática muito comum na cidade, onde muitos artistas buscam na pintura de muros, faixas, placas, letreiros e camisetas uma alternativa de sobrevivência.

Ao enviar o muro com uma publicidade da Comercial São Luis para a 25ª Bienal de São Paulo²¹, Marepe sobrepõe três idéias: primeiro homenagear o seu pai e seu avô, segundo referenciar a relevância, para sua arte, do contato com diversos objetos de cores, materiais e tamanhos variados expostos nas prateleiras do estabelecimento onde seu pai trabalhava e, finalmente, procurou mostrar que muitos artistas que dominam conhecimentos relativos à combinação de cores, uso de tintas, proporção e equilíbrio - entre outros, familiares às artes plásticas - sobrevivem pintando anúncios e assim também extravasam o talento que possuem.

A retirada do muro, que pesa cerca de 3,5 toneladas, foi noticiada nas rádios locais e chamou a atenção da população, antes de seguir 48 horas de viagem até chegar a São Paulo. É importante notar que o artista apropriou-se do próprio muro (uma estrutura fixa) deslocando-o. A importância do gesto e de todo o seu significado está profundamente impregnado dos ideais legados por Marcel Duchamp, para quem "o artista não é um fazedor; suas obras não são feitura mas atos." (PAZ, 2002, p. 25).

Marepe havia se comprometido com dirigentes do estabelecimento comercial a refazer o muro e cumpriu sua parte. Paradoxalmente, uma empresa que nunca demonstrou, ao longo de sua existência, maiores interesses em parcerias culturais e artísticas, tem o muro com a pintura de sua publicidade como uma das atrações de destaque da 25ª Bienal de 2002.



(Foto do muro reconstruído, realizada em agosto de 2003)

²¹ 25ª Bienal de São Paulo, realizada no Parque do Ibirapuera, em São Paulo (período: de 23 de março de 2002 a 02 de junho de 2003. Participaram 190 artistas de 70 países. 30 artistas brasileiros). Título: *Tudo no mesmo lugar pelo menor preço*. Materiais: massa de cimento, tijolos, tina e estrutura de ferro. (Catálogo citado na bibliografia). Também em 2002 participa das seguintes exposições:

Sulpetivo manual é natal: Exposição individual realizada na Galeria Luisa Strina (SP) Expõe *Embutidinho, Um fio que ligue os mundos, cajueiro com neve de algodão, o presente dos presentes* (Catálogo do artista)

Panorama da Arte Brasileira: exposição coletiva realizada no MAM - Rio de Janeiro (Informações do artista).

Panorama da Arte Brasileira: exposição coletiva realizada no MAM-Bahia. (Informações do artista).

Em suas trouxas e bancas Marepe já traz referências da arte pop. "Os artistas *pop* não se apropriam dos objetos industriais, da 'obra' já feita: eles os copiam e, ao fazê-lo, retomam o velho caminho da arte como imitação" (GULLAR, 1993, p. 74), Assim como os artistas pop, Marepe também copia do cotidiano urbano e imita os objetos em suas reproduções, mas o muro, que é retirado do seu lugar de origem e apresentado como arte, também guarda - de forma diferenciada dos trabalhos citados - suas ligações com o pop.

Os anúncios pintados em muros, tão comuns em Santo Antônio de Jesus, estão diretamente ligados à sociedade de consumo, comunicando-se rapidamente através do apelo visual e de slogans curtos, elaborados para transmitir de imediato a mensagem para quem passa, em constante exposição. Assim, o muro também remete ao universo da arte pop, que tem suas raízes na cultura de massa, na reprodução de imagens e objetos populares ligados à sociedade de consumo e expostos constantemente, exaustivamente, repetindo em larga escala as mesmas imagens padronizadas, como os rótulos, logomarcas, embalagens e anúncios publicitários, por exemplo. "A idéia de 'estilo' se dissolve - a arte pop não tem estilo e é hostil a categorias." (LUCIE-SMITH, 2002, p. 162), porém, ao lançar mão de imagens e objetos presentes na banalidade do cotidiano e separá-los dos seus contextos, apresentando-os como obras de arte, o artista propõe uma releitura do objeto ou da imagem que aborda.

Ao referir-se sobre a obra de Andy Warhol²² em catálogo da retrospectiva da obra do artista realizada no Museu de Arte de Filadélfia em 1965, o crítico resume a visão do espectador em relação a obra do artista com a seguinte afirmação: "Olhamos como se fosse a primeira vez para coisas que nos são familiares, mas que foram separadas de seus contextos correntes, e refletimos sobre os significados da existência contemporânea." (Idem, ibidem, p. 163). Por esse ângulo, o muro apresentado por Marepe aproxima-se da arte pop também enquanto convite à reflexão.

Se o muro reflete o capitalismo que permeou o século XX, a obra *Embutidos*, com toda a sua maleabilidade e aberto a possibilidades já diz respeito ao início do século XXI. Segundo relatou o próprio artista, foi de um sonho, onde ouviu a seguinte mensagem: "Nesta casa quando se move um objeto, todos os outros se movem junto." que veio a inspiração para dar forma aos *Embutidos*. Seguindo o desejo e a necessidade de criar, Marepe realizou, através de relações totalmente subjetivas, a materialização do onírico, cumprindo um processo já descrito por Marcel Duchamp:

²² Andy Warhol: artista norte-americano. Nasceu em 1928, em Pittsburg e faleceu em Nova Iorque em 1987. Começou sua carreira como desenhista publicitário. Tornou-se famoso como artista da arte pop na década de 1960, estando entre suas obras mais conhecidas a série de embalagens de sopa Campbell e a reprodução em série do retrato da atriz Marilyn Monroe, além da série Disasters.

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de relações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético. (DUCHAMP, 1986, p. 73)

A peça foi apresentada pela primeira vez em 1999 na exposição *Os 90*, no Paço Imperial (Rio de Janeiro) e é construída em madeirite com dobradiças e ralo de metal, medindo 340 x 340 x 170 cm. Marepe esclarece que "a palavra embutidos vem da idéia de armário embutido, ligado, preso à estrutura da casa e, ainda assim, móvel, abrindo-se, dobrando-se de acordo com as necessidades". O artista ainda criou a série de cinco peças denominada *Embutidinhos*, que são peças em tamanho reduzido e possuem estrutura semelhante à de *Embutidos*. Em 2002 *Embutidinho* faz parte das obras que apresenta em sua primeira exposição individual realizada em São Paulo, na Galeria Luisa Strina.



Embutidinhos, 2003
Madeirite, dobradiças e ralo de metal
(Foto: Juciara Nogueira)

Essa obra, confeccionada em madeirite comum, sem aplicação de tinta ou verniz, com suas partes interligadas por dobradiças baratas e aberta a possibilidade de interatividade em um convite a reflexão, sintetiza o estilo de Marepe, que se relaciona com a arte de maneira instintiva, natural e simples. *Embutidos* ainda remete aos *Bichos* de Lygia Clark, com suas dobradiças e diversas possibilidades de manejo, de intervenção, propondo - como um enigma a ser decifrado - revelar-se.

Para a 50ª *Bienal Internacional de Arte de Veneza*, o artista envia *Embutido Recôncavo*, uma peça que dá seqüência a *Embutidos* e *Embutidinhos*. A obra que vai para Veneza (assim como as outras da série) pode ser vista como metáfora da própria globalização, representada como uma casa onde tudo está interligado e pode ser reordenado de diversas formas, porém ao se mover uma única peça, toda a estrutura se altera, sugerindo ao

observador novos significados e novas maneiras de ver. A aldeia global torna-se uma casa sem teto (onde todos encontram-se, portanto, desprotegidos) e o que ocorre em países diversos (cômodos diversos) afeta, de maneira mais marcante ou branda, toda a estrutura mundial (toda a casa). Tudo pode ser visto de diversos ângulos, a depender da posição do observador, que pode ser ativo e participante, interferindo diretamente no processo, ou pode ser passivo, mero espectador, mas ainda assim integrante e susceptível às alterações, às mudanças. Em *Embutido Recôncavo* "o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador" (DUCHAMP, 1986, p. 74).

Observando a trajetória profissional de Marepe é possível identificar dois eixos principais em toda sua produção: a referência familiar e a influência da cultura popular que se manifesta nas ruas. Para viabilizar suas idéias, o artista mergulha no universo da arte contemporânea, herdando o legado de Duchamp e utilizando-se da liberdade da arte conceitual, do neoconcretismo, da arte pop. Também reconhece a influência do tropicalismo e dos artistas modernos baianos - entre outros - e em seu fazer artístico mescla todos esses conhecimentos com o aprendizado repassado por seus mestres informais "os vendedores ambulantes, carpinteiros, pintores de paredes e tantas outras pessoas humildes têm me transmitido uma sabedoria que não se encontra nos livros", afirmou.

Sua arte está profundamente ligada a sua história: a mãe, professora de educação artística, contribuiu pelo exemplo em sua escolha profissional e o pai, comerciário, inspirou, através do seu ambiente de trabalho, o olhar artístico e poético sobre o comércio, tema que aborda desde as bancas dos ambulantes até o muro que envia para a 25ª *Bienal de São Paulo*. A importância da casa, do lar e sua vivência, da família como fator de proteção, também pode ser especialmente notada em duas de suas obras mais representativas: *O casamento* e *O telhado*.

Além do universo familiar, o artista encontra nas ruas de Salvador, de Santo Antônio de Jesus e da região do Recôncavo baiano a inspiração para grande parte de suas criações. O menino negro de *Precoce jogo* pode estar em qualquer esquina de Salvador. *Palmeira doce* movimentava sua cidade natal e enche as ruas de vida. É das ruas que Marepe capta toda a criatividade, colorido e liberdade do povo baiano, nordestino, brasileiro. *A trouxa*, *Banca de bijuterias*, *Penduricalhos*, *Lasque o nome aí*, tratam desse universo: pobre, sofrido, mas criativo, irreverente, enfeitado, solto, divertido.

É interessante que a obra enviada para a 50ª *Bienal Internacional de Arte de Veneza* - uma das maiores, mais visitadas e mais conceituadas exposições de arte do mundo - não seja *Embutidos*, ou *Embutidinhos*, mas *Embutido Recôncavo*. O Recôncavo baiano é o berço de toda a cultura baiana e foi onde o artista começou sua carreira profissional. Ao lançar mão de materiais considerados pobres, como as bacias, papelões, sacos de algodão doce, filtros e tantos outros utilizados em seus trabalhos, Marepe realiza uma transmutação, produzindo uma arte consistente, rica, diversificada, norteadas em princípios pessoais e valores culturais fortes. "Consideramos como belas as obras mais carregadas de sentido, aquelas que *a posteriori* transportam os valores mais altos de uma cultura, seja no domínio das técnicas seja no das idéias." (FRANCASTEL, 1965, p. 99) Assim é a arte contemporânea de Marepe, um dos 380 artistas dos cinco continentes que integram a lista de participantes da 50ª *Bienal Internacional de Arte de Veneza*, inaugurada oficialmente em 15 de junho de 2003.

Referências bibliográficas:

- Catálogo *I Bienal do Recôncavo Centro Cultural Danneman*. São Félix-BA: 1991.
- Catálogo *I Salão MAM-Bahia de Artes Plásticas*. Salvador: 1994.
- Catálogo *Luz na arte arte na luz*. Salvador, 1995.
- Catálogo *Arte construtora - Ilha da Casa da Pólvora*. Porto Alegre, 1996.
- Catálogo *III Salão MAM-Bahia*. Salvador: 1996.
- Catálogo *Workshop 97 Artistas alemães e brasileiros*. Salvador, 1997.
- Catálogo *16º Salão de Artes Plásticas*. Rio de Janeiro, 1998.
- Catálogo *Espaço Bahia 2000 - Casa Cor 1999*. Salvador, 1999.
- Catálogo *A quietude da terra / vida cotidiana, arte contemporânea e Projeto Axé*. Salvador, 2000.
- Catálogo *XXVI Bienal de Arte de Pontevedra*. Pontevedra, 2000.
- Catálogo *O fio da trama / Contemporary brazilian art*. Miami, 2001.
- Catálogo *Art / Basel / Miami Beach. The international art show La exposición internacional de arte* Miami, 2002.
- Catálogo *Bahia de todos os santos Schwarze göffer, weike heilige*. Alemanha, 2002.
- Catálogo *How Latitudes become forms: Art in a Global age*. Minneapolis, 2003.
- Catálogo *Marepe*. Galeria Luisa Strina, São Paulo, 2003.
- DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCKOCK, Gregory (org.). *A nova arte*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Coleção Debates).
- FARIAS, Agnaldo. *Arte brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.
- GULLAR, Ferreira. *Etapas da arte contemporânea*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- PAZ, Otávio. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LUCIE-SMITH, Edward. Arte Pop. In: STANGOS, Nikos (org.). *Conceitos da arte moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p.160-169.

SMITH, Roberta. Arte conceitual. In: STANGOS, Nikos (org.). *Conceitos da arte moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p.182-192.

Bibliografia eletrônica:

<<http://www.oficinainforma.com.br/semana/leituras-20020511/04a.htm>> Acesso em: 17 jun. 2003

<http://www.deutschewelle.de/brazil/0,3367,7190_A_765605,00.html> Acesso em: 17 jun. 2003

<<http://www.galerialuisastrina.com.br>> Acesso em: 21 jun. 2003

<<http://www.pontodevista.jor.br/oiticica.htm>> Acesso em: 21 jun. 2003

<<http://pintura.aut.org/SearchAutor?Autnum=11.070>> Acesso em: 22 jun. 2003

<<http://www.comartevirtual.com.br/lygclark.htm>> Acesso em: 22 jun. 2003

<<http://www.obraprima.net/materias/html625/html625.html>> Acesso em: 22 jun. 2003

<<http://www.itaucultural.org.br/>> Acesso em: 30 jun. 2003.

<<http://www.artenaescola@belasartes.br>> Acesso em: 21 ago. 2003

<<http://www.l.folha.uol.com.br/folha/ilustrida/ult90u28952.shtml>> Acesso em: 21 ago. 2003

<<http://www.oglobo.com.br>> Acesso em: 21 ago. 2003

<http://www.terra.com.br/istoegente/138/diversao_arte/expo_iconografias_metropolitanas.htm> Acesso em: 21 ago. 2003

<<http://www6.estado.com.br/editorias/2002/03/23/cad021.html>> Acesso em: 21 ago. 2003

<<http://www.ibge.gov.br/perfil/index/htm>> Acesso em: 21 ago. 2003